

PUBLICAR E PERECER: AMEAÇA DAS REVISTAS PREDATÓRIAS À INTEGRIDADE CIENTÍFICA

PUBLISH AND PERISH: PREDATORY JOURNALS' THREAT TO SCIENTIFIC INTEGRITY

PUBLICAR Y PERECER: AMENAZA DE REVISTAS PREDATORIAS A LA INTEGRIDAD CIENTÍFICA

Evanilda Souza de Santana Carvalho¹
Hudson P. Santos Jr²

Como citar este artigo: Carvalho ESS, Santos Jr HP. Publicar e perecer: ameaça das revistas predatórias à integridade científica. Rev baiana enferm. 2019;33:e34649.

“Publicar ou perecer” é um ditado clássico bem conhecido pelos pesquisadores. Isso vem da alta demanda para conseguir a publicação de descobertas científicas. A publicação frequente tem sido uma das métricas mais poderosas, pois a publicação bem-sucedida atrai a atenção não apenas para os pesquisadores, mas também para suas instituições. A frequência e a qualidade das publicações são fatores-chave para garantir o financiamento, promover o progresso do indivíduo por meio de classificações acadêmicas e classificações institucionais. Se não se pode obter um histórico de publicação bem-sucedido, então tanto pesquisadores quanto instituições perecem.

Essa alta demanda por publicação bem-sucedida é explorada por periódicos predatórios. Estes são veículos de publicação que têm como objetivo principal facilitar a publicação, mediante o pagamento de uma taxa.

Essa prática “predatória” tornou-se frequente, trazendo novas ameaças à credibilidade da produção científica. Ela se refere ao fato de periódicos atacarem os acadêmicos, com envios de *spam*, prometendo publicação rápida de artigos para acesso aberto, que oferecem aos autores um processo de avaliação por pares fraudulento ou inexistente, que fere os padrões de publicação acadêmica, com o único interesse de lucro⁽¹⁾. Ao realizarmos uma busca na base de dados PubMed, com a combinação das palavras “predatory” e “journal” em 13/11/2019, encontramos 132 publicações dos últimos 5 anos dedicadas a alertar os pesquisadores sobre o avanço e os perigos das revistas predatórias.

A oferta de publicações em tempo mais curto do que costumam demandar os periódicos regulares por si só já levanta suspeita. Um processo de publicação, num periódico legítimo, envolve avaliação por pares, revisão do editor, resposta aos autores, reparos ao manuscrito, devolutiva ao corpo editorial, editoração, indexação e publicação, ações que demandam um tempo razoável de, no mínimo, alguns

¹ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, Brasil. evasscarvalho@uefs.br. <https://orcid.org/0000-0003-4564-0768>

² Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor Assistente da University of North Carolina at Chapel Hill. Chapel Hill, Carolina do Norte, Estados Unidos da América. <https://orcid.org/0000-0002-4040-366X>

meses. Convites para publicação acontecem de modo infrequente, dirigidos para pesquisadores reconhecidos pela sua *expertise* em algum tema, e os periódicos o fazem de forma seletiva e nunca garantem a publicação⁽²⁾.

Revistas predatórias não seguem políticas, como a composição de um corpo editorial, proteção do autor, gerenciamento de conflitos de interesse, transparência quanto à política da revista e transparência sobre as taxas de publicação⁽³⁾. Em resumo, o interesse desses periódicos é o próprio lucro e não a qualidade. Muitas vezes, os autores podem chegar ao ponto de passar por todo um “suposto processo” de avaliação de seu manuscrito, mas nunca o ver publicado. Isso acontece porque eles deturpam informações em relação à indexação da revista, ocultam as identidades de editores e do corpo editorial, usam a expressão “internacional” em seu título, para demonstrar um suposto prestígio⁽⁴⁾.

Revistas dessa natureza utilizam-se de robôs para localizar potenciais autores e enviar *spams* para seus *e-mails*, que poderão incluir, em uma única mensagem, o convite para submissão do manuscrito, para ser avaliador e compor o corpo editorial. Em geral, autores iniciantes, como discentes da pós-graduação, animam-se com a perspectiva de ver seu texto acadêmico publicado o mais rápido possível, e se verem livres das pressões dos programas. Preocupação com produtividade e progressão da carreira, desconhecimento sobre os critérios de qualificação dos periódicos, e a frustração com a longa e às vezes dolorosa jornada de revisão por pares, que é requerida pelos periódicos legítimos, motiva autoras(es) a recorrer a esses periódicos⁽⁵⁾.

Alguns pesquisadores podem ser induzidos a submeter-se a periódicos predatórios, enquanto outros o fazem duvidosamente, para preencher seu *curriculum vitae* e avançar na carreira. É aqui que você “publica e perece”. As agências reguladoras, nacional e internacionalmente, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil) e o *National Institute of Health* (NIH/USA), bem como instituições acadêmicas, não validarão a contribuição científica de manuscritos publicados em periódicos predatórios.

Embora a publicação fácil possa ser sedutora à primeira vista, tem sido considerada uma prática daninha. Isso tem preocupado tanto, que diversas iniciativas foram tomadas para inibir ou prevenir que pesquisadores caiam nas armadilhas do mercado predatório. Parte dessas iniciativas é dirigida a reconhecer um legítimo e confiável periódico, como a página *Choosing a Journal for Publication of an Article: List of Suspicious Journals and Publishers*⁽⁶⁾, criada pela Yale University. Outras delas buscam identificar um periódico predatório, como a lista *Potential predatory scholarly open-access publishers*⁽⁷⁾, elaborada pelo *Jeffrey Beall*, que chega a ter 1.249 títulos a serem evitados e podem ser consultados livremente. O *checklist “Think, Check, Summit”*⁽⁸⁾, por exemplo, foi criado para avaliar se o periódico de escolha reúne requisitos de confiabilidade. No entanto, todos esses recursos ainda são limitados em sua capacidade de fornecer uma imagem completa de todos os periódicos predatórios que existem por aí.

O avanço dos periódicos predatórios levanta questões éticas importantes, como a falta de padrões e de práticas editoriais, desperdício de recursos e distorção da pesquisa, que ameaçam a qualidade da contribuição científica⁽²⁾, além de comprometer autoras(es), revisoras(es), editores de revistas legítimas, e deteriorar a imagem das publicações tipo *open access*⁽⁹⁾.

Ademais, é preciso considerar que textos publicados sem a verificação da qualidade dos procedimentos de pesquisa, bem como seus aspectos éticos, podem informar resultados errôneos ou fabricados que, ao serem diluídos na ciência, podem influenciar, na área da saúde, por exemplo, decisões terapêuticas e preventivas que comprometam significativamente a saúde das pessoas⁽⁴⁾.

Nesse sentido, o assunto requer tomadas de posição assertivas de toda a comunidade acadêmica, incluindo autoras(es), instituições e editoras(es), tanto para identificar se pesquisadores fazem parte de algum periódico predatório, neste caso, requerendo sua desfiliação, quanto para selecionar periódicos com a qualidade aceitável para dirigir as produções acadêmicas⁽¹⁰⁾.

Colaborar com periódicos dessa natureza, seja enviando textos, atuando como editoras(es) ou permitindo que seus pares publiquem conscientemente, contribuiu, de forma danosa, para corroer a confiança

da literatura científica⁽⁴⁾. O desafio que se nos apresenta agora é qualificar a todos para reconhecer periódicos predatórios, desestimular o envio de material e evitar citações de artigos neles publicados⁽¹¹⁾. Portanto, ao já exaustivo processo de produção científica, urge incorporar medidas capazes de combater essa prática, de modo a preservar o crédito dos pesquisadores, das instituições e da ciência.

Portanto, fica o alerta: é melhor conviver com “publicar ou perecer” do que comprometer sua integridade e desperdiçar fundos públicos direcionados à pesquisa, pois a publicação nesses periódicos não o salvará, e você “publicará e perecerá”.

Referências

1. Clark J, Smith R. Firm action needed on predatory journals. *BMJ*. 2015 Jan;350:h210. DOI: 10.1136/bmj.h210
2. Ferris LE, Winker MA. Ethical issues in publishing in predatory journals. *Biochem Med (Zagreb)*. 2017 Jun 15;27(2):279-84. DOI: 10.11613/BM.2017.030. Erratum in: *Biochem Med (Zagreb)*. 2017 Oct 15;27(3):031201. DOI: 10.11613/BM.2017.031201
3. Shamseer L, Moher D, Maduekwe O, Turner L, Barbour V, Burch R, et al. Potential predatory and legitimate biomedical journals: Can you tell the difference? A cross sectional comparison. *BMC Med*. 2017;15(1):28. DOI: 10.1186/s12916-017-0785-9
4. Gogtay NJ, Bavdekar SB. Predatory journals - Can we stem the rot? *J Postgrad Med*. 2019 Jul-Sep;65(3):129-31. DOI: 10.4103/jpgm.JPGM_266_19
5. Cortegiani A, Longhini F, Sanfilippo F, Raineri SM, Gregoretti C, Giarratano A. Predatory open-access publishing in anesthesiology. *Anesth Analg*. 2019 Jan;128(1):182-7. DOI: <https://doi.org/10.1213/ANE.0000000000003803>
6. Yale University Library. Choosing a Journal for Publication of an Article: List of Suspicious Journals and Publishers [Internet]. New Haven, CT; 2019 [cited 2019 Nov 18]. Available from: <https://guides.library.yale.edu/c.php?g=296124&p=1973764>
7. Beall's list of predatory journals and publishers. Colorado, EUA; 2019 Oct 3 [cited 2019 Nov 8]. Available from: <https://bealllist.weebly.com/>
8. Cortegiani A, Shafer SL. “Think. Check. Submit.” to avoid predatory publishing. *Crit Care*. 2018 Nov;22(1):300. DOI: 10.1186/s13054-018-2244-1
9. Delgado-López PD, Corrales-García EM. Predatory journals: An emerging threat to authors and editors of biomedical publications. *Neurocirugía*. 2018 Jan-Feb;29(1):39-43. DOI: 10.1016/j.neucir.2017.07.006
10. Memon AR. ResearchGate is no longer reliable: leniency towards ghost journals may decrease its impact on the scientific community. *J Pak Med Assoc*. 2016;66:1643-7.
11. Oermann MH, Nicoll LH, Carter-Templeton H, Woodward A, Kidayi PL, Neal LB, et al. Citations of articles in predatory nursing journals. *Nurs Outlook*. 2019 May 11;pii:S0029-6554(19)30189-7. DOI: 10.1016/j.outlook.2019.05.001

Recebido: 20 de novembro de 2019

Aprovado: 20 de novembro de 2019

Publicado: 11 de março de 2020



A *Revista Baiana de Enfermagem* utiliza a Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais. Embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.